

PERFIL SOCIOECONÔMICO DO CONSUMIDOR IDOSO NOS ARRANJOS FAMILIARES UNIPESSOAL E RESIDINDO COM O CÔNJUGE: UMA ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA DE ORÇAMENTOS FAMILIARES (2008/2009)

Natália Calais Vaz de Melo¹
Karla Maria Damiano Teixeira²
Marco Aurélio Marques Ferreira³
Neuza Maria da Silva⁴

Introdução

A família, ao longo do tempo, passa por diversas mudanças derivadas, muitas vezes do próprio ciclo de vida, tais como casamento, nascimento e educação dos filhos, saída dos filhos do

¹ Bacharel em Economia Doméstica e mestre em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil. E-mail: nataliacalais@yahoo.com.br.

² Professora Associada do Departamento de Economia Doméstica (UFV), Viçosa, MG, Brasil. Possui graduação em Economia Doméstica e mestrado em Economia Familiar pela Universidade Federal de Viçosa, PhD em Ecologia Familiar pela Michigan State University, Estados Unidos. E-mail: kdamiano@ufv.br.

³ Professor Adjunto da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil. Possui graduação em Administração, mestrado e doutorado em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), PhD em Administração Pública por Rutgers University (USA). E-mail: marcoaurelio@ufv.br.

⁴ Professora Associada da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil. Possui graduação em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), mestrado em Educação do Consumidor e doutorado em Economia da Família e do Consumidor pela Purdue University. E-mail: neuzams@ufv.br.

lar, aposentadoria, e morte. Essas mudanças podem trazer diversos sintomas e disfunções em relação ao funcionamento familiar no decorrer da vida, visto que acontece uma série de eventos sociais e os indivíduos assumem diferentes papéis em um mesmo espaço de tempo (FRAGA et al., 2011).

Um estudo realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2005, objetivou analisar os arranjos domiciliares de idosos, apresentando dados comparativos de 130 países. Esses dados mostraram que aproximadamente uma em cada sete pessoas idosas (90 milhões) vivia sozinha, sendo que cerca de 2/3 eram mulheres. Existe, também, uma tendência a favor de modalidades de vida independente, seja sozinho ou sozinho com o cônjuge, mais consolidada em países desenvolvidos. Dados desse estudo também revelaram uma menor proporção de mulheres idosas casadas, comparativamente aos homens (45% contra 80%); sendo que quanto maior o nível de desenvolvimento econômico do país, menores eram as taxas de coresidência entre os idosos (UNITED NATIONS, 2005, *apud* CAMARGOS et al., 2007)⁵.

Dados do IBGE (2008) informam que, entre 1997 e 2007, denotou-se, no Brasil, um crescimento do percentual de domicílios unipessoais para pessoas de 60 anos ou mais (11,2% para 13,5%), determinando um novo arranjo domiciliar. De acordo com Ramos et al. (2010), a condição que justifica a tendência da escolha do idoso em morar sozinho pode advir da busca pela individualidade ou das perdas humanas, insuficiência econômica, aposentadoria, abandono ou descaso de seus familiares, dentre outros fatores. Capitanini (2000) associa esse panorama à redução do número de indivíduos a cada geração; mudanças nos valores concernentes à vida familiar e ao casamento, levando ao crescimento do número de adultos solteiros e descasados; e, aumento da mobilidade geográfica da população jovem e urbanização, reduzindo a convivência intergeracional e proporcionando maior longevidade.

No Brasil, apesar de nessa segunda década do século XXI o número de domicílios unipessoais não ser expressivo em relação

⁵ UNITED NATIONS. *Living arrangements of older persons around the world*. New York: United Nations, 2005. *Apud* CAMARGOS et al., 2007.

aos demais arranjos domiciliares de idosos, o número de idosos morando sozinhos vem crescendo (RAMOS et al., 2010).

Além disso, Camargos et al. (2010) afirmam que a realidade dos idosos brasileiros que vivem sozinhos ainda é pouco conhecida. Os autores ainda ressaltam que um idoso que mora com o cônjuge ou com os filhos e netos tenderia a apresentar maiores chances de receber cuidado informal. Em contrapartida, aqueles que moram sozinhos, apesar de participarem das relações de troca, estão menos propensos a receber esse tipo de cuidado, além de apresentarem maiores chances de receberem cuidado formal.

Assim sendo, Guimarães (2006) revela que o envelhecimento populacional no Brasil, assim como em vários outros países em desenvolvimento, ocorre bem mais rápido e em um contexto socioeconômico desfavorável devido às baixas taxas de crescimento econômico; crise fiscal do estado; elevados níveis de desigualdade social; altas taxas de analfabetismo; problemas com saneamento, habitação, pobreza; e, carência de instituições devidamente consolidadas, entre outros.

Há de se ressaltar, porém, que, no Brasil, de acordo com os estudos de Medeiros et al. (2006) e Carvalho (2010), com a estabilização econômica, proporcionada pelo Plano Real, houve um aumento do poder aquisitivo e do bem-estar das famílias brasileiras. Com essas mudanças econômicas, o padrão de consumo se modificou, havendo mudanças nas estruturas dos gastos e dos rendimentos das famílias, já que os gastos das famílias brasileiras estão relacionados a alguns fatores, destacando-se as alterações na renda e em sua distribuição e os preços dos produtos. Tais modificações também foram vivenciadas pelos idosos.

O idoso contemporâneo, da segunda década do século XXI, tem acesso a uma renda maior em relação às últimas décadas. Furbino e Castro (2011) mostram que, no período de 1992 a 2010, a renda média dos idosos foi a que mais cresceu, saltando de R\$660,00 em 1992 para R\$1.092,00 no ano de 2009, rendimento 58% maior do que a renda média do brasileiro, que era de R\$633,00. Logo, esse aumento da renda dos idosos e seu maior poder de compra, antes ignorados pela indústria de consumo e pela

sociedade em geral, faz com que ele se torne um grupo social que atraia o interesse individual e coletivo dos industriais de forma crescente (OSÓRIO; PINTO, 2007).

No entanto, na percepção de Bulla e Kaefer (2003), o Brasil não está preparado de maneira adequada e suficiente para atender às demandas da população idosa. Sievert e Taíse (2007) complementam afirmando que as empresas estão se preocupando pouco com esse novo público que está surgindo, não se atentando para o fato de que é um grupo que está em constante crescimento e que deveria ser visto como consumidor em potencial, principalmente devido ao seu poder aquisitivo, disponibilidade de tempo e preocupação com sua saúde e bem-estar. Já na concepção de Furbino e Castro (2011), as empresas instaladas no Brasil nunca prestaram tanta atenção nos idosos como na atualidade, pois desde o início da década de 1990, esse segmento da população cresceu não só em número, mas em poder de consumo. Com sua maior longevidade, maior poder aquisitivo e exposição constante às propagandas e estereótipos impostos pela sociedade, os idosos buscam produtos e serviços para satisfazer além de suas necessidades, mas, também, sua vaidade.

Apesar desses indicadores, o consumo de bens e serviços por idosos em diferentes arranjos domiciliares no Brasil ainda é pouco conhecido. Assim, problematiza-se que para se compreender as transformações sociais pelas quais a sociedade contemporânea passa, faz-se necessário entender como os arranjos familiares podem interferir no consumo de bens e serviços por idosos. É também importante para compreender o idoso não apenas como um consumidor em potencial, mas como um indivíduo ativo, que possui necessidades próprias à sua idade.

Nesse sentido, foi importante refletir sobre a seguinte questão norteadora: Qual é o perfil socioeconômico dos consumidores idosos brasileiros que moram sozinhos e daqueles que residem com o cônjuge?

Assim, objetivou-se delinear, utilizando os microdados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF 2008/2009), o perfil socioeconômico e demográfico dos consumidores idosos que

moravam sozinhos e daqueles que residiam com o cônjuge, bem como calcular o gasto médio anual por categorias de despesas⁶ estipuladas pela POF (2008/2009).

Nessa perspectiva, faz-se importante esse trabalho uma vez que são escassos os estudos na literatura científica brasileira sobre o consumo por idosos nos diferentes arranjos domiciliares. Estudos dessa natureza podem contribuir para uma maior compreensão sobre a dimensão do envelhecimento em termos do consumo, haja vista que, com o aumento da população idosa, novas demandas vêm surgindo para atender e assegurar a qualidade de vida desse segmento.

1. Metodologia

A presente pesquisa teve caráter quantitativo, descritivo, com corte transversal, e utilizou-se de dados secundários.

Os dados secundários foram extraídos dos microdados da Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF (2008/2009), que é a quinta pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre orçamentos familiares. A POF objetiva, principalmente, mensurar as estruturas de consumo, dos gastos, dos rendimentos e parte da variação patrimonial das famílias, possibilitando traçar um perfil das condições de vida da população brasileira a partir da análise de seus orçamentos domésticos.

Para a POF de 2008/2009, foi adotado um plano amostral denominado como conglomerado em dois estágios, com estratificação geográfica e estatística das unidades primárias de amostragem que correspondem aos setores da base geográfica do Censo Demográfico 2000, a partir da estrutura oferecida pela amostra mestra desenhada pelo IBGE para o Sistema Integrado de Pesquisas Domiciliares (SIPD) em construção. Os setores foram selecionados por amostragem com probabilidade proporcional ao número de domicílios existentes no setor, dentro de cada estrato

⁶ Despesas em relação à habitação, despesas diversas, lazer, transporte, educação, alimentação dentro e fora do domicílio, fumo, produtos de higiene e cuidados pessoais, assistência à saúde e vestuário.

final, compondo a amostra mestra. A subamostra de setores para a POF 2008/2009 foi selecionada por amostragem aleatória simples em cada estrato. No plano adotado, as unidades secundárias de amostragem foram os domicílios particulares permanentes, que foram selecionados por amostragem aleatória simples sem reposição, dentro de cada um dos setores selecionados. Em seguida ao processo de seleção de setores e domicílios, os setores foram distribuídos ao longo dos quatro trimestres da pesquisa, garantindo que em todos os trimestres os estratos geográficos e socioeconômicos estivessem representados através dos domicílios selecionados (IBGE, 2010).

A amostra da POF de 2008/2009 abrangeu, ao todo, 55.970 domicílios, representando aproximadamente 0,1% do total de domicílios do país. Para a expansão da amostra, cada domicílio representou um número de domicílios particulares permanentes da população. Para tanto, cada domicílio apresentou um peso amostral ou fator de expansão, que permitiu que se obtivessem as estimativas das variáveis da pesquisa para todo o universo. Maiores detalhes sobre a seleção da amostra, bem como o cálculo do peso amostral, podem ser encontrados na documentação da base de dados (IBGE, 2010).

Para atender aos objetivos propostos, o universo de análise consistiu de arranjos familiares de idosos que constituíam unidades domésticas unipessoais ou que residiam com o cônjuge em todas as regiões do país e que foram pesquisados pela POF (2008/2009). Para conduzir esse estudo, foi considerado como idoso todos os que compunham a população de 60 anos ou mais, como definido pelo Estatuto do Idoso (Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003).

Os dados foram extraídos dos microdados da POF (2008/2009) utilizando o software STATA 11 e 12 (*Data Analysis and Statistical Software*). Primeiramente, deu-se a extração dos dados de 55.970 domicílios de todo o país. A extração desse volume de dados ocorreu pelo fato de os domicílios serem constituídos de diversas pessoas, configurando os diferentes arranjos familiares. É de conhecimento científico o fato de que a precisão das estimativas tende a aumentar com o aumento do tamanho da amostra.

Contudo, conforme Triola (2011), estimativas a partir de amostras grandes demandam muito tempo, trabalho e recursos. Também, embora controversa, é fundamentada a ideia de que amostras muito grandes podem, muitas vezes, comprometer a precisão, pois quanto maior o “n amostral”, maior a probabilidade de se encontrar diferença estatística entre grupos que não condizem propriamente com a realidade. Portanto, para resolver essa questão foi obtida uma amostra a partir dos dados da POF, sendo os resultados, operacionalizados. Assim sendo, como o universo de análise que esse estudo propôs eram os arranjos familiares unipessoal e residindo com o cônjuge no qual o idoso era o chefe do domicílio, a amostra foi constituída por 2.532 domicílios com idosos que moravam sozinhos e 2.619 domicílios com idosos que residiam com o cônjuge, totalizando 5.151 domicílios, representando 9,20% dos domicílios que a POF pesquisou.

Contudo, como se trata de uma pesquisa de caráter quantitativo, em que muitas das técnicas estatísticas envolvem cálculo de média, e que a média é sensível a valores extremos, optou-se por retirar 19,2% desses domicílios que não apresentavam nenhum valor registrado com gastos de consumo (*missing values*) e/ou que possuíam valores discrepantes (*outliers*). Logo, a amostra foi composta por 4.162 domicílios, sendo 2.160 (51,9%) de idosos morando sozinhos e 2.002 (48,1%), com o cônjuge.

Posteriormente, os dados coletados foram analisados estatisticamente utilizando-se o software IBM SPSS 20.0 (*Statistical Package for Social Sciences*).

Para delinear o perfil socioeconômico e calcular os gastos com bens e serviços dos arranjos familiar unipessoal e residindo com o cônjuge aos quais os idosos pertenciam, foi realizada uma análise exploratória dos dados que, para Triola (2011), é um tipo de análise na qual os dados são explorados, em um nível preliminar, para identificarem o que revelam. É o processo de uso das ferramentas estatísticas, tais como gráficos, medidas de centro e medidas de variação para investigar conjuntos de dados com o objetivo de compreender e descrever suas características importantes.

Para se comparar o consumo de bens e serviços de acordo com o tipo de arranjo familiar foi utilizado um teste *t* para amostras independentes. Esse teste pode ser usado para testar uma hipótese que estabelece que as médias das variáveis associadas com duas amostras ou grupos independentes serão iguais, avaliando se as diferenças observadas entre as médias de duas amostras ocorreram por acaso ou se houve diferença verdadeira (HAIR JÚNIOR et al., 2005). No caso em estudo, o teste *t* serviu para testar se o consumo nos diferentes arranjos se diferenciavam estatisticamente.

Além disso, para complementar as análises, foi realizado o cálculo do coeficiente de correlação de Pearson em relação às variáveis nível de escolaridade e faixa de renda. De acordo com Pestana e Gageiro (2008), esse coeficiente é uma medida de associação linear entre variáveis quantitativas e varia entre -1 e 1, ou seja, uma correlação perfeita positiva ou negativa. A partir das informações geradas pelo IBM SPSS 20.0, os dados foram descritos, analisados e confrontados com a fundamentação teórica.

2. Os Idosos em Dois Arranjos Domiciliares: Uma Comparação

Com o intuito de alcançar o primeiro objetivo desse estudo, qual seja, delinear o perfil socioeconômico dos idosos residentes nas diferentes regiões do país, foi realizada uma análise exploratória das variáveis sexo, nível de escolaridade, cor e rendimento.

A maior parte dos idosos era do sexo feminino (63,5%, $n=1.372$). A média de idade dos idosos que moravam sozinhos foi de aproximadamente 72 (± 8) anos, sendo que a idade mínima considerada foi de 60 anos e, a máxima, 103 anos. No arranjo familiar residindo com o cônjuge, os idosos apresentaram idade máxima de 98 anos, com uma média de 70 (± 7) anos, sendo o sexo masculino o predominante entre os idosos chefes do domicílio ($n=1.824$, ou 91,1%). O cônjuge apresentou idade mínima de 17 anos e máxima de 103 anos, com média de 64 (± 10) anos. Estes dados vêm ao encontro dos trazidos pelo IBGE (2012) e Goldani

(1994), que afirmam que o aumento da expectativa de vida para as mulheres gera mais viuvez feminina e, conseqüentemente, o aumento de domicílios unipessoais femininos. Além do fator expectativa de vida, é possível inferir que, de acordo com a literatura, após a inserção da mulher no mercado de trabalho, houve mudanças na concepção do casamento, sendo que muitas mulheres preferem viver de maneira independente, e, muitos homens, quando se deparam com a viuvez, voltam a se casar, ao contrário das mulheres.

Fazendo a classificação dos idosos por faixas etárias, nota-se que 46,4% (n=1.002) dos idosos que moravam sozinhos e 53,7% (n=1.076) dos que residiam com o cônjuge eram considerados “jovens”, com idade entre 60 e 69 anos. Já 36% (n=777) dos idosos que moravam sozinhos e 35,4% (n=709) dos que residiam com o cônjuge podiam ser considerados “velhos”, possuindo idade entre 70 e 79 anos. Além disso, 17,6% (n=381) dos que moravam sozinhos e 10,8% (n=217) dos que residiam com o cônjuge eram considerados “muito idosos”, com idade superior a 80 anos.

No que se refere à raça dos idosos, dos que moravam sozinhos, 46,5% (n=1.004) se declararam brancos; 43% (n=929) pardos; 9,2% (n=198) pretos; 0,6% (n=13) amarelos; 0,6% (n=13) indígenas; e, 0,1% (n=3) não informaram. Dos que residiam com cônjuge, 48,8% (n=976) se declararam brancos; 40,6% (n=813) pardos; 8,9% (n=178) pretos; 0,8% (n=17) amarelos; 0,7% (n=14) indígenas; e, 0,2% (n=4) não informaram. Assim sendo, a maioria dos idosos, tanto do arranjo unipessoal como do residindo com o cônjuge, se autodeclararam brancos, o que está de acordo com o perfil dos idosos brasileiros que, segundo a Síntese dos Indicadores Sociais (IBGE, 2012), independente do arranjo a que pertença, 55,0% dos idosos do país é da cor branca.

Em relação à localização geográfica dos idosos, a maioria daqueles que moravam sozinhos estavam na região Nordeste do país (n=682, ou 31,6%) e, com o cônjuge, na região Sudeste (n=611, ou 30,5%), sendo que a menor concentração desses arranjos estava na região norte (n=206, ou 9,5% e n=146, ou 7,3%, respectivamente). Do total de idosos pesquisados que moravam

sozinhos e com o cônjuge, 79,1% (n=1.709) e 67,1% (n=1.344), respectivamente, residiam na área urbana do país, tendência que pode ser explicada pelo fato de buscarem, nestas áreas, melhores condições de vida e atendimento às suas necessidades.

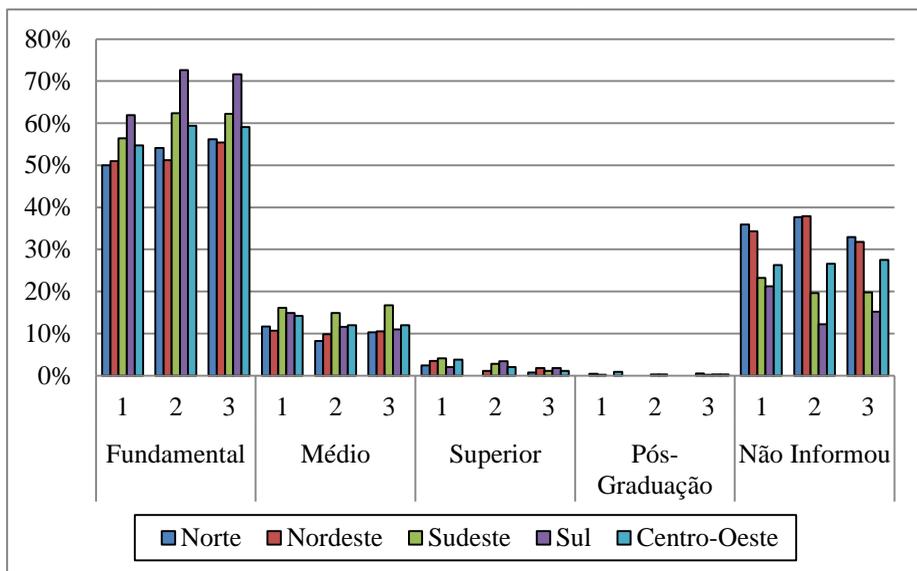
Fazendo uma análise comparando as regiões do país com as faixas de renda AB (caso a renda total do domicílio fosse maior que R\$4.980,01), faixa C (renda total entre R\$1.245,01 a R\$4.980,00), faixa D (renda total entre R\$830,01 a R\$1.245,00) e faixa E (renda total menor que R\$830,00), foi possível observar que, do grupo dos idosos que moravam sozinhos, a maior parcela, em todas as regiões do país, se encontrava na faixa E de renda. Esses dados se diferem em relação ao grupo dos idosos que moravam com o cônjuge, visto que a maioria destes, tanto da região Norte, Sudeste, Sul e Centro-Oeste, estavam na faixa de renda C, e 46,8% da região Nordeste, na faixa D. É notório também, nos dois arranjos familiares, que a minoria dos idosos de todas as regiões do país estava na faixa de renda AB. Analisando o arranjo unipessoal, daqueles que estavam na região Norte, 2,4% (n=5) possuíam essa renda, 0,7% (n=5) no Nordeste; 2,6% (n=17) no Sudeste, 2,3% (n=7) no Sul e 2,8% (n=9) no Centro-Oeste. Já no arranjo residindo com o cônjuge, daqueles que residiam na região Norte, 2,1% (n=3) estavam na faixa AB de renda, 1,8% (n=10) no Nordeste, 4,1% (n=25) no Sudeste, 2,7% (n=9) no Sul e 3,1% (n=11) no Centro-Oeste.

A análise exploratória da variável renda mostra a desigualdade de renda entre a população idosa, em ambos os arranjos familiares estudados, nas regiões do país, sendo possível perceber que a maioria dos idosos que moravam sozinhos, 51,1% (n=1.103) estavam na faixa E de renda e apenas 2% (n=43), na faixa AB de renda. Em relação ao arranjo residindo com o cônjuge, 47,6% (n=952) estavam na faixa C de renda e apenas 2,9% (n=58), na faixa AB.

No que se refere ao nível de escolaridade dos idosos, foi possível detectar, conforme o Gráfico 1, que 54,6% (n=1.180) dos idosos que moravam sozinhos possuíam o ensino fundamental; 13,5% (n=292) o ensino médio; 3,4% (n=74), ensino superior; e, 0,3% (n=7), a pós-graduação (n=7), sendo que 28,1% (n=607) não

declararam. Não há diferença significativa nesses resultados em comparação aos idosos que moravam com o cônjuge, sendo que 59,8% (n=1.197) possuíam ensino fundamental; 11,9% (n=239), ensino médio; 2% (n=41), ensino superior; 0,1% (n=3), pós-graduação; e 26,1% (n=522) não declararam.

Gráfico 1 – Distribuição das regiões do país por nível de escolaridade em relação ao grupo de idosos que moravam sozinhos, ao cônjuge e ao idoso que residia com o cônjuge.



- 1 – Idoso que Mora Sozinho.
- 2 – Idoso que Reside com o Cônjuge.
- 3 – Cônjuge.

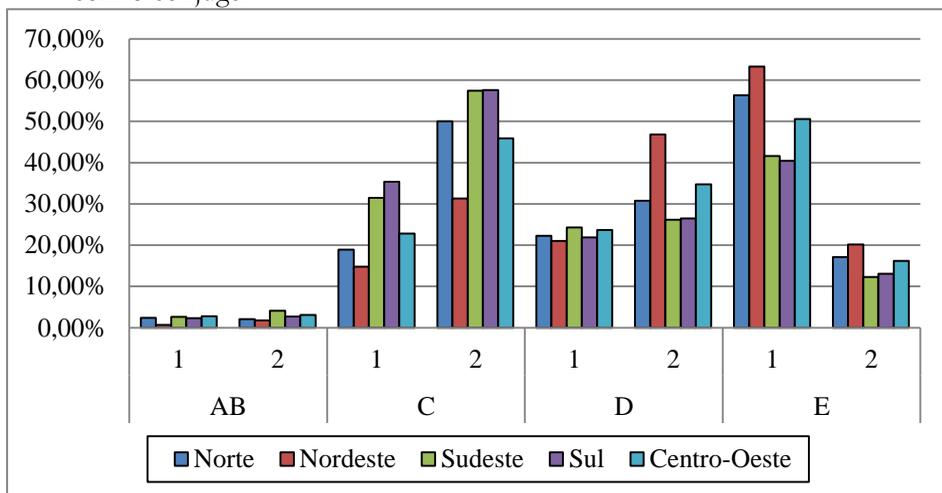
Fonte: Dados da pesquisa. Brasil, 2008/2009.

Em relação ao nível de escolaridade do cônjuge, 60,8% (n=1.218) possuíam ensino fundamental; 12,7% (n=255), ensino médio; 1,4% (n=28), ensino superior; e, 0,3% (n=6), pós-graduação. Percebe-se que o nível de escolaridade predominante

em ambos os arranjos foi o ensino fundamental, o que corrobora com os dados nacionais em relação aos idosos (IBGE, 2012).

Fazendo a análise do nível de escolaridade de acordo com as diferentes faixas de renda, é possível observar que as maiores porcentagens dos idosos que moravam sozinhos e que possuíam pós-graduação estavam na faixa C (n=4, ou 57,1%) e, o restante (n=3, ou 42,9%), na faixa AB. Em relação àqueles que moravam com o cônjuge, ocorre o inverso, sendo que os que possuíam pós-graduação (n=2, ou 66,7%) estavam na faixa de renda AB e 33,3% (n=1), na faixa C. É notório também que a maior parte dos idosos que moravam sozinhos e que possuíam o menor nível de escolaridade (ensino fundamental), 50,3% (n=594) estavam na faixa de renda E, e, em relação aos que residiam com o cônjuge, 49,5% (n=592) estavam na faixa C, como pode ser visualizado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Distribuição do nível de escolaridade por faixas de renda (AB, C, D e E) em relação aos arranjos unipessoal e residindo com o cônjuge.



1 – Arranjo Unipessoal.

2 – Arranjo Residindo com o Cônjuge.

Fonte: Dados da pesquisa. Brasil, 2008/2009.

Contudo, o cálculo do coeficiente de correlação de Pearson das variáveis nível de escolaridade e faixa de renda mostra um coeficiente moderado, no valor de 0,4 para os idosos que moravam sozinhos, e um coeficiente baixo, no valor 0,3 para os idosos que residiam com o cônjuge, ambos significante estatisticamente ao nível de 1%. Portanto, é possível inferir que existe correlação significativa entre os idosos que moravam sozinhos e com o cônjuge terem maior renda e maior nível de escolaridade. Esses resultados corroboram com aqueles encontrados por Almeida e Kassouf (2007), que afirmam que um melhor nível do poder aquisitivo é reflexo da maior escolaridade.

Além disso, a maior parcela dos idosos dos dois grupos estudados que afirmaram possuir algum nível de escolaridade, seja ensino fundamental, médio, superior ou pós-graduação, residia na área urbana do país, talvez devido à maior facilidade de acesso às escolas.

No que se refere ao rendimento dos idosos dos dois grupos em pauta, foram detectados rendimentos com trabalho⁷, de transferência⁸, de aluguel⁹ e de outras rendas¹⁰.

Os maiores rendimentos daqueles que moravam sozinhos eram provenientes de outras transferências ($M=R\$941,75$), aposentadoria e pensão do INSS ($M=R\$918,63$), e aposentadoria da previdência pública ($M=R\$309,28$). Já os rendimentos dos idosos que moravam com o cônjuge, os maiores rendimentos eram advindos de outras transferências ($M=R\$932,53$), aposentadoria e pensão do INSS ($M=R\$872,87$) e outras rendas ($M=R\$359,46$). Assim sendo,

⁷ O rendimento do trabalho refere-se à remuneração monetária bruta proveniente do trabalho de empregado (público, privado ou doméstico), de empregador e daquele que trabalha por conta-própria.

⁸ A transferência é o rendimento monetário bruto proveniente de aposentadoria e pensão de previdência pública, aposentadoria e pensão do INSS, aposentadoria de previdência privada, programas sociais federais, pensão alimentícia, mesada e doação e outras transferências (como prêmios restituídos e indenizações pagas por seguradoras, ganhos de jogos, salário-família, auxílio-natalidade, programas sociais estadual e municipal, seguro desemprego, auxílio-maternidade, auxílio-funeral e outras transferências similares).

⁹ O rendimento de aluguel refere-se ao rendimento monetário bruto proveniente de aluguel, ocupação, uso ou exploração de direitos de bens imóveis.

¹⁰ Outras rendas referem-se às rendas monetárias provenientes de vendas eventuais como vendas de automóveis, consórcios e outros produtos; crédito-educativo, juros de empréstimos; ganhos com operações financeiras de títulos de renda, lucros e dividendos em dinheiro atribuídos a ações, juros, correções.

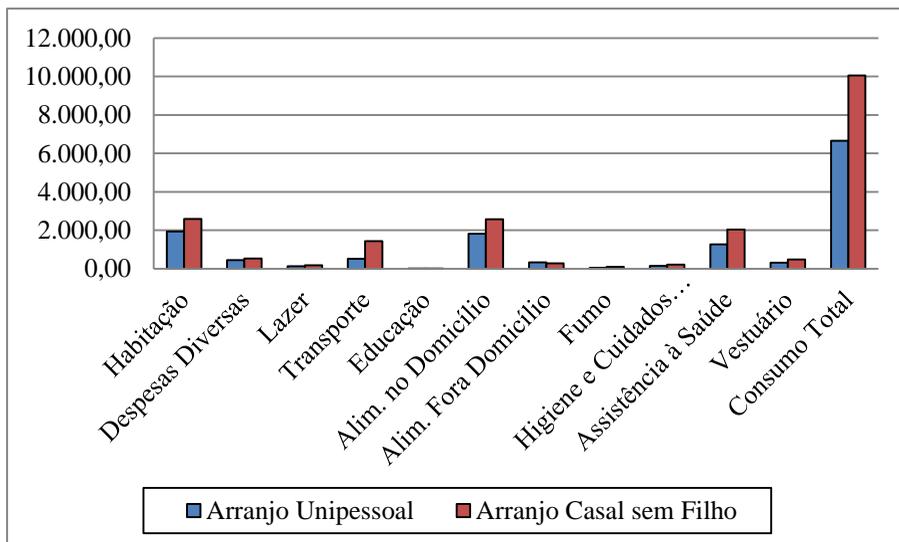
fazendo uma análise exploratória dos rendimentos, mesmo utilizando a média aparada (5% *trimmed mean*), por desconsiderar o *outlier*, constata-se que a maior parte dos rendimentos dos dois grupos era proveniente de transferências. A pesquisa de Neri et al. (1999) também revela que, ao mesmo tempo em que ocorre a queda da renda do trabalho, dá-se o aumento da renda de outras fontes, não oriundas do trabalho, como aposentadoria, pensões, aluguel e ativos financeiros em geral.

No que se refere aos bens e serviços consumidos pelos idosos no arranjo familiar unipessoal e no arranjo residindo com o cônjuge, dentre os itens de consumo que a POF trabalha em sua pesquisa, selecionou-se, para este estudo, os gastos de despesa com habitação, despesas diversas, lazer, transporte, educação, alimentação, fumo, higiene e cuidados pessoais, assistência a saúde e vestuário. Vale ressaltar que os valores orçamentários, despesas e rendimentos, foram obtidos pelos agentes de pesquisa da POF em diferentes períodos de referência, definidos em função de sua natureza e frequência de ocorrência nos domicílios. Entretanto, visando construir um orçamento médio anual, se fez necessário unificar esses períodos e transformar todos os valores em valores anuais.

Ao realizar o somatório de todas essas variáveis de despesas do universo de análise, foi possível observar que, em média, os idosos ($n=4.162$) gastavam R\$8.296,13 (\pm R\$6.245,34) anuais, com o mínimo de R\$830,16 e máximo de R\$29.911,01. Mais especificamente, os idosos que moravam sozinhos ($n=2.160$, ou 51,9%) gastavam anualmente, em média, R\$6.661 (\pm R\$5.463,05), e os que residiam com o cônjuge ($n=2.002$, ou 48,1%), gastavam um pouco mais, em média R\$10.060,24 (\pm R\$6.550,35). Através da análise exploratória das variáveis de consumo, foi possível observar que tanto o arranjo familiar unipessoal como o arranjo residindo com o cônjuge gastavam mais com itens de habitação ($M=R\$1.933,04$ e R\$2.584,74 por ano, respectivamente), vindo, em seguida, os gastos com consumo de alimentos dentro do domicílio ($M=R\$1.814,03$ e R\$2.572,56, respectivamente) e assistência à saúde ($M=R\$1.257,47$ e R\$2.030,01, respectivamente), conforme

pode ser visualizado no Gráfico 3. É possível afirmar também que, dos itens de consumo analisados, os idosos dos arranjos em questão gastavam menos com educação, sendo o valor máximo R\$2.080,00 para os idosos que moravam sozinhos e R\$2.200,00, para os que residiam com o cônjuge.

Gráfico 3 – Cálculo do gasto médio anual, por categorias de despesas, dos idosos no arranjo familiar unipessoal e residindo com o cônjuge.



Fonte: Dados da pesquisa. Brasil, 2008/2009.

Esses resultados estão de acordo com as análises realizadas pelo IBGE (2012) que revelam que, para todos os tipos de composições familiares, o grupo habitação foi o que apresentou o maior peso entre as despesas de consumo das famílias brasileiras, desde a realização da POF 2002/2003, uma vez que esse item também está relacionado às principais necessidades das famílias em termos de condições de vida. O IBGE (2012) ainda afirma que, para as

despesas com educação, a estrutura familiar é fator determinante, visto que a presença de filhos faz com que o peso relativo dos valores gastos com educação seja, no mínimo, o dobro do das famílias sem filhos. Infere-se, assim, que o estágio do ciclo de vida familiar a que os idosos pertencem pode ter interferido nos gastos com educação, principalmente por não contemplarem a presença de filhos nos arranjos selecionados.

É interessante ressaltar que o único gasto anual que os idosos que residiam sozinhos possuíam a mais quando comparados àqueles que residiam com o cônjuge eram as despesas com alimentação fora do domicílio, gastando, em média, R\$327,31 por ano, enquanto os que moravam com o cônjuge, R\$281,11.

Considerações Finais

Uma das transformações sociais mais importantes que ocorreram nas últimas décadas está relacionada ao aumento demográfico dos idosos. Este segmento da população cresceu não só em número, mas em poder de consumo, possuindo, cada vez mais, acesso a uma renda maior e, conseqüentemente, maior poder de compra. Nesse sentido, esse trabalho objetivou delinear o perfil socioeconômico do consumidor idoso nos arranjos familiares unipessoal e residindo com o cônjuge.

Os resultados permitiram constatar que, diante do aumento da expectativa de vida da população, os idosos já podem ser vistos constituindo novas gerações, sendo que a maioria dos idosos estudados são “jovens”, ou seja, possuem idade entre 60 a 69 anos, brancos, residem na área urbana do país, possuem o ensino fundamental e, a minoria está na faixa AB de renda, sendo essa proveniente, em sua maioria, de transferências públicas. As mulheres são a maioria entre os idosos que vivem sozinhos, enquanto no arranjo residindo com o cônjuge, considerando o idoso como o chefe do domicílio, os homens prevaleceram. A maior parte dos idosos do arranjo unipessoal vive no Nordeste e no caso do arranjo residindo com o cônjuge, no Sudeste.

O arranjo familiar residindo com o cônjuge gasta mais do que o unipessoal no que se refere aos itens de despesas com habitação, despesas diversas, lazer, transporte, alimentação dentro do domicílio, fumo, produtos de higiene e cuidados pessoais, assistência à saúde e vestuário. É válido ressaltar que dentro desses itens de despesas selecionados, os maiores gastos dos arranjos familiares estudados estão com itens de habitação, alimentação dentro do domicílio e assistência à saúde. Entre os itens de consumo analisados, o menor gasto ocorre com educação, o que pode ser explicado ou pela fase do ciclo de vida em que o idoso se encontra ou pela própria importância que este dá ao investimento em educação para si próprio.

Assim sendo, sabe-se que à medida que a população envelhece as necessidades dos consumidores mais velhos se tornam cada vez mais influentes, embora a sociedade ainda não esteja preparada para atender totalmente às necessidades desse segmento. Portanto, entender as relações de consumo desse segmento é extremamente relevante, a fim de que os bens e serviços oferecidos proporcionem satisfação e melhoria da qualidade de vida dos idosos.

Embora tenha sido uma limitação para a discussão dos resultados, sabe-se que a pesquisa realizada torna-se relevante devido à carência de referenciais bibliográficos que tratem do assunto voltado para o público idoso nos diferentes arranjos familiares. Ainda que esse estudo traga importantes contribuições para esse segmento populacional em dois arranjos familiares, faz-se necessária a realização de estudos mais aprofundados sobre as questões relativas ao idoso brasileiro, principalmente considerando-se suas relações na família e na sociedade. Sabe-se que há muito o que se conhecer a respeito do consumidor idoso, sendo necessária a realização de outras pesquisas como esta, a fim de enriquecer e complementar este estudo.

Entende-se que a discussão levantada não se esgota aqui, mas acredita-se que os resultados deste estudo permitem contribuir para o avanço das pesquisas sobre o comportamento do consumidor idoso em diferentes arranjos familiares no país. Enfim, tem-se a expectativa de que outras pesquisas em âmbito acadêmico possam

complementar e ampliar esse aspecto do conhecimento sobre o comportamento do idoso e, dessa forma, contribuir para o melhor entendimento sobre esse “novo” mercado que está, cada vez mais, demandando novos bens e serviços.

Referências

ALMEIDA, Alexandre Nunes de; KASSOUF, Ana Lúcia. Determinantes do consumo das famílias com idosos e sem idosos com base na pesquisa de orçamentos familiares de 1995/1996. 2007. In: SILVEIRA, Fernando Gaiger; SERVO, Luciana Mendes; MENEZES, Tatiane; PIOLA, Francisco (Org.). **Gastos e consumos das famílias contemporâneas**. Brasília: IPEA, 2007. v. 1.

BULLA, Leonia Capaverde; KAEFER, Carin Otilia. Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, n. 2, ano II, dez. 2003.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003. 68 p.

CAMARGOS, Mirela Castro Santos; MACHADO, Carla Jorge; RODRIGUES, Roberto do Nascimento. A relação entre renda e morar sozinho para idosos paulistanos – 2000. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 37-51, jan.-jun. 2007.

CAMARGOS, Mirela Castro Santos; MACHADO, Carla Jorge; RODRIGUES, Roberto Nascimento. Idosos que moram sozinhos em Minas Gerais e suas condições de saúde: Uma análise para 2003 com base no método Grade of Membership. In: XIII Seminário sobre a Economia Mineira, 2008, Diamantina. **Anais...** . Diamantina: Cedeplar, 2008.

CAMARGOS, Mirela Castro Santos; RODRIGUES, Roberto Nascimento; MACHADO, Carla Jorge. Redes de apoio e estratégias de sobrevivência entre os idosos que moram sozinhos. In: XIV Seminário sobre a Economia Mineira, 2010, Diamantina. **Anais...** . Diamantina: Cedeplar, 2010.

CAPITANINI, Marilim Elizabeth Silva. **Sentimento de solidão, bem-estar subjetivo e relações sociais em idosos vivendo sós**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2000. 117 fl. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000.

CARVALHO, Angelita Alves. **Padrão de consumo de arranjos familiares e das pessoas sozinhas no Brasil: uma análise por gênero e estratos econômicos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais) – Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro. 2010.

FRAGA, Márcia Helena da Silva; BARRETO, Maria de Lourdes Mattos; LORETO, Maria das Dores Saraiva de; PINTO, Neide Maria de Almeida. Refletindo sobre as redes sociais no cuidado e educação de crianças de 0 a 6 anos de idade em famílias de camadas médias da população. **Revista Brasileira de Economia Doméstica: Oikos**, Viçosa, v. 22, n.2, p. 131-149, 2011.

FURBINO, Zulmira; CASTRO, Marinella. Crescimento da renda leva idosos à compra. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2011/03/20/internaseconomia,216341/crescimento-da-renda-leva-idosos-a-compra.shtml>>. Acesso em: 03 mai. 2012.

GOLDANI, Ana Maria. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 91, p. 7-22, nov. 1994.

GUIMARÃES, José Ribeiro Soares. Envelhecimento populacional e oportunidades de negócios: o potencial mercado da população idosa. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006, Caxambu. **Anais...** . Caxambu-MG: ABEP. 2006, p. 1-16.

HAIR JUNIOR, J. F., BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Análise multivariada de dados**. 5. ed. Trad. por Adonai S. Sant'Anna e Anselmo Chaves Neto. Porto Alegre: Bookman, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa de Orçamentos Familiares (2008-2009)**: Despesas, rendimentos e condições de vida. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

_____. Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira - 2008. **Estudos e Pesquisas**. Informação Demográfica e Socioeconômica. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

_____. Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira – 2012. **Estudos e Pesquisas**. Informação Demográfica e Socioeconômica. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

MEDEIROS, Marcelo; CARVALHO, Mirela de; BARROS, Ricardo Paes de; SOARES, Sergei Suares Dillon. Notas técnicas sobre a recente queda da desigualdade de renda no Brasil. In: BARROS, Ricardo Paes de; FOGUEL, Miguel Nathan; ULYSSEA, Gabriel (Org.). **Desigualdade de renda no Brasil**: uma análise da queda recente. Brasília: IPEA, v. 2, 2006.

NERI, Marcelo; CARVALHO, Kátia; NASCIMENTO, Mabel. **Ciclo da vida e motivações financeiras (com especial atenção aos idosos brasileiros)**. Rio de Janeiro: IPEA, Texto para discussão. 1999.

OSÓRIO, Agustín Requejo; PINTO, Fernando Cabral. **As pessoas idosas: Contexto social e intervenção educativa**. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 2007.

PESTANA, M. H.; GAGEIRO, J. N. Análise de dados para as ciências sociais: a complementaridade do SPSS. Lisboa: Silabo. 2008.

RAMOS, José Lúcio Costa; MENEZES, Maria do Rosário de; MEIRA, Edméia Campos. Idosos que moram sozinhos: desafios e potencialidades do cotidiano. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 24, n. 1, 2, 3, p. 43-54, jan.-dez. 2010.

SIEVERT, Marilde; TAÍSE, Jaína Vieira. Nova geração de idosos: um consumidor a ser conquistado. In: X Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde – ComSaúde, 2007, São Paulo, **Anais...** . São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

TRIOLA, Mário F. **Introdução à estatística**. Rio de Janeiro: LTC, 2011. 696p.

Recebido em 27/03/2014
e aceito em 28/07/2014.

Resumo: *Com a maior longevidade e aumento de seu poder aquisitivo, os idosos têm se tornado consumidores cada vez mais assíduos, além de prezarem pela qualidade dos bens e serviços. Diante desse contexto, esse artigo objetiva delinear o perfil socioeconômico do consumidor idoso, que constituíam unidades domésticas unipessoais ou que residiam com o cônjuge. Os resultados permitiram concluir que os idosos são brancos, residem na área urbana do país, possuem ensino fundamental e, a minoria, está na faixa AB de renda. O arranjo familiar residindo com o cônjuge gasta mais do que o unipessoal no que se refere aos itens de despesas com habitação, despesas diversas, lazer, transporte, alimentação dentro do domicílio, fumo, produtos de higiene, assistência à saúde e vestuário. Conclui-se que entender as relações de consumo desse segmento é extremamente relevante a fim de que os bens e serviços oferecidos proporcionem satisfação e melhoria de sua qualidade de vida.*

Palavras-chave: *Idoso, arranjo familiar, consumo.*

Title: *Socio-Economic Profile of Elderly Consumer in Family Arrangements of Singles and Couples Without Children: An Analysis of Data From the Search for Family Budgets (2008/2009).*

Abstract: *With greater longevity and increases in their purchasing power, elderly consumers have become increasingly frequent and appreciate the quality of goods and services. In this context, this study was to delineate the socioeconomic profile of the elderly consumer, which were single households or living with a spouse. The results showed that the elderly, are white, residing in urban areas of the country, have a base education and the minority are in the AB range. The childless couples spend more than elderly singles in regards to housing expenses, miscellaneous expenses, recreation, transportation, groceries, tobacco, toiletries, health care and clothing. Understanding the consumption relation of this group is relevant so that the elderly may obtain satisfaction and a better quality of life throughout the goods and services consumed.*

Keywords: *Elderly, family arrangements, consumption.*
